

**TRANSFORMAÇÃO PRODUTIVA E IMPLICAÇÕES PARA  
POLÍTICAS SOCIAIS : REVISÃO BIBLIOGRÁFICA  
(1993)**

**CADERNO DE PESQUISA  
Nº 27**



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS – UNICAMP  
NÚCLEO DE ESTUDOS DE POLÍTICAS PÚBLICAS – NEPP**

**1993**

**PROF. DR. JUAREZ RUBENS BRANDÃO LOPES**

**Instituição responsável**  
**Núcleo de Estudos de Políticas Públicas- NEPP - UNICAMP**

**Coordenador do NEPP**  
Prof. Dr. Pedro Luiz Barros Silva

**Coordenador Associado**  
Profa. Dra. Gilda Portugal Gouvêa

Centro interdisciplinar de pesquisa especializado em estudos e investigações de acompanhamento, monitoramento e avaliação de políticas e programas governamentais. Entre suas preocupações e interesses prioritários, destacam-se as avaliações de processos de implementação de reformas e inovações de *policies* e de programas e projetos de enfrentamento da pobreza. No período recente, desenvolveu, entre outros os seguintes projetos:

- Avaliação da Descentralização de Recursos do FNDE e da Merenda Escolar. Convênio INEP/MEC (1997-1998).
- Desenho e Implantação de Estratégia de Avaliação dos Programas Sociais Prioritários do Governo Federal Brasileiro. Convênio BID/UNESCO/Gov. Brasileiro (1998).
- A Educação básica e secundária no Brasil: evolução recente. Convênio MEC/UNESCO (1997).
- Avaliação da Descentralização das Políticas Sociais no Brasil: Saúde e Educação Fundamental - estudos municipais. Convênio Cepal (1997).
- Avaliação do Processo de Implementação do Projeto "Inovações no Ensino Básico" e de algumas Medidas da Escola-Padrão no Estado de São Paulo. Convênio BIRD (1994/1996).

Os cadernos de Pesquisa do NEPP, escritos pelos professores, pesquisadores, estudantes de pós graduação, e outros membros associados, aparecerá intermitentemente. Alguns serão comunicações de pesquisa preliminares em andamento, ou explorações de idéias teóricas, e a sua publicação visa a estimular discussão e gerar críticas úteis. Como resultado de tais discussões e críticas, é provável que apareçam publicações de versões mais elaboradas em outra parte.

## ÍNDICE

I - Introdução .....	1
II - Forças Globais de Mudança .....	1
III - Reestruturação Econômica e Conseqüências Sociais nos Países Centrais.....	7
IV - Reestruturação Econômica e Produtiva na Periferia Industrializada (em particular Brasil) e Conjecturas Sobre os Seus Efeitos Sociais, Atuais e Futuros .....	13
BIBLIOGRAFIA .....	16

## **TRANSFORMAÇÃO PRODUTIVA E IMPLICAÇÕES PARA AS POLÍTICAS SOCIAIS: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA (1993)**

### **I- INTRODUÇÃO**

Nos últimos decênios está em curso no mundo atual profunda reestruturação econômica. Esta mudança é de âmbito mundial, embora seja diferenciada nas suas manifestações no tempo e no espaço. Essa mudança está provocando efeitos profundos e duradouros sobre a estrutura social dos países centrais do capitalismo, e, de modo incipiente e ainda não tão aparente já atinge a periferia, principalmente os países industrializados subdesenvolvidos.

O nosso objetivo é enfocar, nuns e noutros países, os rebatimentos dessa reestruturação econômica em transformação sobre o debate referente às políticas públicas, mormente as sociais. Por toda a parte, observam-se efeitos fortes sobre o mercado de trabalho, a seguridade social e, em geral, sobre as condições de vida. Nos países periféricos industrializados altera-se a relação histórica entre a estrutura social em transformação, a urbanização e a mobilidade social, relação positiva que se estabelecera durante a industrialização substitutiva de importações.

O nosso procedimento é o seguinte. Olharmos para os países avançados, onde as transformações sócioeconômicas começaram primeiro, e as suas consequências sociais são hoje mais visíveis. Isto na suposição que, embora diferenciadas, dado o contexto diferente dos países industriais periféricos, mudanças produtivas e econômicas na mesma direção começam a manifestar-se também neles. E na suposição ainda, que o conhecimento das consequências sociais nos países centrais ajudará a condução dos debates sobre as suas consequências sociais possíveis e sobre a política social conveniente ou necessária, nos países industrializados periféricos, particularmente o Brasil.

### **II- FORÇAS GLOBAIS DE MUDANÇA**

Enumeramos, a seguir, apenas as mudanças sócioeconômicas com ampla presença no mundo desenvolvido - e que devem ser concebidas como forças em atuação, sem a

preocupação de procurar, por sua vez, a sua causalidade mais profunda. Menos que uma análise, esta é uma tentativa de síntese de caracterização<sup>1</sup>.

### **A. Internacionalização das Economias Nacionais e Aumento da Competição Internacional.**

Na raiz da crescente internacionalização das economias dos países capitalistas centrais e da conseqüente intensificação da competição internacional, nas últimas duas ou três décadas, está a saturação de mercados naqueles países particularmente dos produtos duráveis e intermediários.

Paradigmático é o caso da indústria automobilística<sup>2</sup>. A penetração de carros importados japoneses nos mercados americanos, a partir dos anos 70, e das fábricas japonesas, na década dos 80, pode ser tomada como o caso mais visível e dos mais importantes, de uma série de fenômenos com amplitude muito mais geral.

Apenas alguns aspectos e conseqüências dessa "nova competição" precisam ser aqui destacados: sua intensidade, a nova importância da qualidade, da diversificação de produtos<sup>3</sup> e da contínua produção de novos produtos e de novos modelos, como elemento mesmo da nova situação competitiva (produtos, no limite, "sob medida", *customized*), e, como menção final, a mudança continua da situação competitiva. Tudo isso rebate fortemente sobre formas de organização das empresas, e sobre o uso de tecnologias, uso da força de trabalho, e sobre a sua natureza<sup>4</sup>.

---

<sup>1</sup>. Uma tentativa útil de compreensão da dinâmica causal da reestruturação econômica e industrial dos países centrais está no artigo de TAVARES, 1992.

Ver, entre os muitos tratamentos gerais das mudanças em curso na economia industrial em âmbito internacional: AGLIETTA, 1976; COHEN & ZYSMAN; COLDCLOUGH & TOLBERT, 1992; COOL ET AL., 1992; CORIAT, 1990; HARVEY, 1989, PARTE II; JOHNSON, TYSON & ZYSMAN, 1989; KERN & SCHUMANN, 1989; PIORE & SABEL, 1984; PORTES ET AL. (eds), 1989; SASSEN, 1991; WATANABE, 1987; e WOOD (ed), 1989). A especificação bibliográfica completa, junto com algumas referências adicionais, encontra-se na bibliografia final.

<sup>2</sup>. Ver HOFFMAN & KAPLINSKY, 1988.

<sup>3</sup>. Produtos, e serviços "adiantados" objeto crescente do comércio internacional, tais como de projetos de engenharia de vulto, de reestruturação econômica e produtiva, de "marketing", seguros, etc.

<sup>4</sup>. Sobre a internacionalização das economias e as novas condições de competitividade, ver BEST, 1990; BERKELEY ROUNDTABLE OF INTERNATIONAL ECONOMY, 1993; ERNST & O'CONNOR, 1993; FISCHER ET AL., 1993; HART, 1992; MORRIS (ed), 1991; PEET, 1987; e THUROW, 1992.

## **B. Como Parte Integrante da Nova Situação Competitiva, Ocorre Extenso Processo Global de Desconcentração Industrial.**

Essa desconcentração espacial da indústria está ocorrendo tanto dentro dos países adiantados<sup>5</sup>, como deles para os países periféricos, entre os quais, embora não seja o único, tem sido especialmente estudado o caso das indústrias maquiladoras do México<sup>6</sup>.

Não só as indústrias migram, mas frequentemente elas se desconcentram, formando redes de empresas menores, muitas vezes aglomeradas. Como resultado desses processos, tanto no interior dos países como internacionalmente, formam-se novos padrões de distribuição espacial e regional<sup>7</sup>. Dentro dessa ótica, merece enfoque particular a desindustrialização de países, regiões ou de cidades<sup>8</sup>.

## **C. Desenvolvimento de Setores de Serviços - Adiantados (de Controle, Financeiros, Consultorias, Planejamento Empresarial, Marketing) e Atrasados - nos Países Adiantados como nos Periféricos.**

Por ora nos referiremos apenas aos países centrais. Faz-se mister, de início, notar a relação entre a desconcentração industrial apontada no item anterior e o desenvolvimento dos serviços adiantados.

A desconcentração industrial é acompanhada pela concentração de funções de controle e de outros serviços adiantados em cidades globais (Nova York, Los Angeles, Londres, Tóquio). As cidades globais se desenvolvem em todos os lugares-nós dos sistemas de comunicação sofisticados e são a contrapartida da desconcentração espacial, em termos

---

<sup>5</sup>. Ver CLARK, 1989; GOLDMAN & LUEBKE, 1985; e SHAIKEN, 1993 para exemplos nos Estados Unidos e, OBERHAUSER, 1987, na França.

<sup>6</sup>. Ver MUNGARAY, 1990; PEREZ LLANAS, 1991; SHAIKEN, 1990; SHAIKEN & HERZENBERG, 1987; SKLAIR, 1989; e SZEKELY, 1991.

<sup>7</sup>. Ver, sobre novas estruturas espaciais, AMIN & GODDARD (eds), 1986; BODDY in VALLADARES & PRETECEILLE, 1990; CAPECCHI, 1989 ("Terceira Itália"); ESSER & HIRST, 1989; GLASMEIER & SUGIURA, 1991 (sobre o Japão); HERZOG, 1991 (Fronteira México e Estados Unidos); MURRAY, 1983 & 1987 (sobre a Itália); e STORPER, 1990 (Sul do Brasil).

<sup>8</sup>. Ver BROAD, 1988 (Canadá); HOPPER ET AL., 1985 (Nova York); e NASH, 1985.

regionais e mundiais<sup>9</sup>. Haverá lugar para desenvolvimento de uma segunda camada de cidades globais, algumas nos países periféricos? É importante notar que muitas dessas funções "internacionais", funções de serviços adiantados para a América Latina, inclusive bancários e seguros, parecem na última década estar se concentrando em Miami.

As metrópoles dos países centrais não são, entretanto, apenas centros de funções de alta qualificação. Na realidade, a dinâmica da reestruturação econômica resulta em pronunciada diferenciação, ou mesmo, polarização inter- e intra-metropolitana.

Precisamos assim notar que as cidades globais dos países centrais capitalistas, com as suas novas funções (serviços adiantados de controle); indústrias descentralizadas de bens de consumo (vestuário, calçados, produtos eletrônicos), induziram nos anos 80 uma nova imigração internacional<sup>10</sup>, a qual acabou por recriar um amplo mercado de trabalho para funções trabalho-intensivas, seja para os serviços (por exemplo, serviços domésticos), seja para a indústria.

Os produtos e serviços produzidos ou ofertados por estes trabalhadores podem ser serviços e produtos sofisticados, para classes médias altas, com elevado poder aquisitivo; são, porém, produtos e serviços trabalho-intensivos, feitos e prestados por pessoas autônomas e por pequenas empresas, ou mesmo pelo trabalho doméstico, que mesmo empregando tecnologias adiantadas, trabalham longas horas e em más condições de trabalho. Deixemos, porém, para elaborar estes pontos no próximo item.

#### **D. A Dupla Face da Transformação Produtiva: As Empresas do Grande Capital, com Organização Enxuta, e as Extensas Redes de Subcontratação.**

A nova situação competitiva internacional pressionou as empresas, nos Estados Unidos e na Europa Ocidental, a uma febril procura de novos modelos de organização empresarial, novos padrões tecnológicos, e novas estruturas industriais, em busca de maior produtividade e competitividade.

---

<sup>9</sup>. Ver, em especial, os estudos de CASTELLS, 1989 (sobre os Estados Unidos); FUGITA, 1991 (sobre Tóquio), o já citado de SASSEN, 1991 (Nova York, Tóquio e Londres) e TABB in VALLADARES & PRETECEILLE, 1990.

<sup>10</sup>. Ver FERNANDEZ KELLY, 1988; SASSEN, 1988; e MORALES & BONILLA, 1993.



À ameaça representada pela competição dos produtos japoneses ligou-se um extremo interesse pelo "modelo japonês" nos anos 80. Pode-se entretanto afirmar existirem hoje múltiplos modelos de produção "flexível". Algumas características são gerais e podem ser apontadas: A produção enxuta (*lean production*) - a empresa dedicando-se ao "núcleo central" do seu produto (aquela parte na qual é mais eficiente) e subcontratando as outras partes -; uma capacitação mais alta, e mais geral, da força de trabalho; a prevalência da formação *in-house*; diferentes formas de uso mais flexível da força de trabalho (polivalência de uns; trabalho temporário para outros serviços); a diminuição dos níveis hierárquicos da cadeia de comando; etc.<sup>11</sup>

A outra face dessas mudanças na grande empresa é constituída pelas redes de subcontratação, envolvendo empresas médias, pequenas e micro-empresas, redes que chegam muitas vezes a incluir, na sua ponta, *sweatshops* e trabalhadores domésticos. Constituem o que podemos chamar de **um setor informal moderno**.

Este setor informal é moderno em sentidos muito particulares, que precisam ser especificados. De início parece tratar-se do renascimento, nos países do capitalismo central, de condições de trabalho e sociais arcaicas, há muito neles desaparecidas. No entanto, longas horas, condições péssimas de trabalho, etc. estão agora associadas à produção de produtos sofisticados ou com grife, ao uso de ferramentas de controle numérico e de computador, e sobretudo, a uma produção que se dirige à grande empresa industrial e às *magazines* de luxo<sup>12</sup>.

### **E. Diferenciações e Dinâmica do Sistema Econômico Mundial.**

O sistema econômico mundial apresenta diferenciações de todos os tipos: intra e inter-setoriais, entre países do centro e da periferia, e entre as diferentes partes da periferia.

Em todas as partes, porém, há um traço comum: a procura do aproveitamento de uma força de trabalho relativamente "mais barata" (particularmente, aquela "menos

---

<sup>11</sup>. Ver BOYER (org), 1986 (Europa Ocidental); CORIAT, 1991 (Japão); DU TERTRE, 1989 (Europa Ocidental); GLIMEL, 1989 (Suécia); GRAHL & TEAGUE, 1989 (Europa Ocidental); HARRINGTON & BLUESTONE, 1988 (Estados Unidos); OSAWA *in* HIRATA (org), 1993 (Japão); SMITH, June 1989 (Estados Unidos) e TOLLIDAY & ZEITLIN, 1987 (Estados Unidos).

<sup>12</sup>. Ver BENTON, 1989; CASTELLS & PORTES, 1989; HADJIMICHALIS & VAIYOU, 1990; HUKILL, 1990; "The Informal Economy (Symposium)", 1993; PORTES ET AL., 1989; PORTES & SASSEN-KOOB; e SMITH, March 1989.

organizada"), a que não é vinculada a "garantias" sindicais e/ou não é onerada por custos sociais.

Nas empresas e nos setores "mais modernos", obtém-se a "**flexibilização**" **produtiva** pela utilização da modernização organizacional, acompanhada ou não pela penetração de novas tecnologias (em particular da microeletrônica). Esta presença da tecnologia microeletrônica aparece nos países centrais, especialmente nas suas grandes empresas, onde se dão os grandes investimentos em P. & D. e se dá a contínua produção de **novos produtos**, adaptados a uma demanda em contínua mudança naqueles países, de produtos diversificados ou mesmo quase "sob medida" (*customarized*).

As estruturas produtivas das empresas nesses países apresentam, assim, **constante mudança**, inclusive elevado **desraizamento** (*footlooseness*) de suas plantas industriais, além da sempre presente necessidade de apresentarem respostas prontas, organizacionais e tecnológicas, a mercados cambiantes e altamente competitivos<sup>13</sup>.

Desta maneira, pressões contraditórias relativas à força de trabalho que lhe é necessária são atendidas pela tendência à manutenção de um núcleo de pessoal altamente qualificado, fiel e de alta estabilidade, nas empresas de produção "enxuta", enquanto nas extensas redes de produção "terceirizada", nas empresas menores subcontratadas, ou mesmo no amplo setor informal, prevalece mão de obra de menor qualificação, instável e sem cobertura social (essas características do mercado de trabalho já foram objeto de algumas considerações, no item D, *supra*).

## **F. A Crise da Dívida Externa e o Aumento da Inserção dos Países Latino-Americanos na Economia Mundial.**

Os ajustamentos econômicos por que passam os países latino-americanos nos anos 80 (Argentina, México, Brasil e outros), devem ser vistos como um processo com

---

<sup>13</sup>. Veja-se, por exemplo, a alteração nas condições de competição que se seguiram, depois da penetração do produto japonês, à entrada das fábricas japonesas nos Estados Unidos e na Europa. Ver HOFFMAN & KAPLINSKY, 1988 e DARBY, 1986.

determinações mundiais, operando em situações econômico-sociais diversificadas, e atravessado por complexos e variados processos políticos<sup>14</sup>.

De qualquer modo, nesses países (embora, com formas e intensidades diversas, e em diferentes momentos) abrem-se as suas economias e principia nas suas empresas a flexibilização produtiva - quase sempre a partir das filiais das multinacionais. As reformas econômicas que são introduzidas nos países industriais periféricos têm assim caráter e determinações globais.

Em quase todos países latino-americanos são tentados, com diferente sucesso, profundidade e ritmos, ajustamentos econômicos nas mesmas direções: ajuste externo; estabilização monetária; desregulamentação; liberalização comercial; e, em extensão bem variada, privatizações. A reestruturação produtiva industrial veio bem mais tarde do que foi iniciada e vem ocorrendo no centro capitalista, e é ainda bem menos visível. Daí, o interesse de examinarmos as transformações no centro capitalista, e as suas consequências sociais. Darão indicações importantes para o debate da política social nos nossos países.

### **III- REESTRUTURAÇÃO ECONÔMICA E CONSEQÜÊNCIAS SOCIAIS NOS PAÍSES CENTRAIS**

Muitas das transformações nos países industriais periféricos respondem às mesmas forças mundiais presentes nos países centrais, e, mormente as que ocorrem na estrutura produtiva, se não são similares, apontam para o mesmo sentido (produção "enxuta" nas grandes empresas, terceirização e aparecimento de setor informal moderno).

Este fato explica o interesse para nós de um exame dos efeitos sociais dessas transformações econômicas naqueles países adiantados, onde elas estão em curso há cerca de duas décadas. Principalmente, como base da reflexão s

---

<sup>14</sup>. Ver DAMILL ET AL., 1992; FANELLI ET AL., 1990; FRENKEL, 1993; HAGGARD & KAUFMANN, 1993; SOLA (org), 1993 e WILLIAMSON (ed), 1990.

## **A. Efeitos Genéricos sobre a Estrutura Social.**

Nos Estados Unidos, os anos 80 representaram uma inversão de tendências históricas em aspectos sócio-econômicos básicos da estrutura social.

### **Novo Patamar de Desemprego Estrutural.**

Tanto os Estados Unidos, como nos países da Comunidade Econômica Européia, o desemprego subiu a níveis sem precedentes, com todas as indicações de ter-se constituído um novo patamar estrutural<sup>15</sup>. Na última década o desemprego manteve-se alto mesmo nos anos de recuperação econômica. Só para citar um dado recente: é altamente significativo o plano da CEE de enfrentar-se o desemprego por meio de diminuição do tempo de trabalho dos empregados e dos níveis salariais médios (O Estado de São Paulo, 22 de outubro de 1993). Este não é um plano conjuntural.

### **Salários Medianos Declinantes**

Após décadas de elevação do salário real nos Estados Unidos desde a Segunda Guerra Mundial, foi perdido, do início dos anos 70 para cá - uma queda de um salário semanal médio de \$318 para \$258, de 1973 a 1990 (em dólares de 1982), - metade dos ganhos em salário real do período de crescimento<sup>16</sup>.

### **Desigualdades Crescentes**

Por outro lado, a desigualdade salarial aumentou muito: o índice de desigualdade salarial após decrescer desde o início dos anos 60, voltou a aumentar de 1973 a 1986 18%, retornando ao nível de 1966. Estas alterações devem-se, em parte, a mudanças na distribuição setorial dos empregos; devem-se também, mais diretamente, à reestruturação produtiva, e em particular, como veremos abaixo, ao enfraquecimento dos sindicatos e a concessões sindicais nos contratos coletivos de trabalho.

---

<sup>15</sup>. Ver, entre outros, BOYER & PETIT, 1984; GILL, 1985 e SHEAK & DABELKO, 1990. Contrastando com os anos 70, quando 5% de desemprego era alto, a taxa média de desemprego nos anos 80 foi mais de 7%, nível mais alto, excetuados dois anos, do que os dos trinta anos que se seguiram a 1950. Cf MEAD, 1991.

Os efeitos sobre a desigualdade dos rendimentos familiares fizeram-se no mesmo sentido: no decênio entre 1979 e 1989 a desigualdade se ampliou. Estes fatos representam uma inversão de tendências de longo prazo, que prenuncia alterações em toda a estrutura social, atingindo os níveis político-social da sociedade.

Após décadas de tendência declinante da desigualdade social, nos anos 80 aumentou a brecha social. O índice de Gini, que estava no nível de 0,376 logo após a Segunda Guerra, caíra, após anos de crescimento econômico e fortes programas sociais (os programas da "Guerra contra a Pobreza" e o da "Grande Sociedade"), para 0,348 em 1968. Após essa data o índice começou a subir, primeiro lentamente, e, depois de 1980, aceleradamente, chegando 0,390 em 1986. Todo o progresso social que ocorrera após a Guerra fora perdido!

Igualmente, os dados sobre a crescente concentração da riqueza nos Estados Unidos no mesmo período são claros<sup>17</sup>. Também há estudos sobre os fortes efeitos negativos da reestruturação econômica sobre a estrutura social na Grã Bretanha<sup>18</sup>.

## **B. A Nova Imigração Internacional e as Cidades Globais.**

Tanto quanto aos pontos de origem desses novos imigrantes internacionais, como no que diz respeito ao seu destino e aos papéis que assumem na estrutura econômica, esses novos movimentos de população estão no contexto de fortes determinações estruturais. Originam-se naqueles países onde ocorreu forte presença econômica e/ou militar dos países centrais na periferia capitalista; e dirigem-se, por outro lado, para aquelas "cidades globais" daqueles mesmos países, marcadas pela reestruturação econômica que neles teve lugar<sup>19</sup>.

Assim, no caso americano, compreende-se a concentração desses imigrantes em cidades globais como Nova York, Los Angeles, Miami, bem como os papéis econômicos que nelas têm, seja em termos da demanda de serviços sofisticados e *customarized*, criados pelos

---

<sup>16</sup>. Ver MEAD, 1990 & 1991; ver também a síntese dessa matéria feita por MORALES & BONILLA, 1993, capítulo 1.

<sup>17</sup>. Ver, sobre a desigualdade de rendimento familiar e sobre o índice de Gini, HARRISON & BLUESTONE, 1988, pp 118-19 e 130-131; e também BURTLESS, 1991.

<sup>18</sup>. Ver HAMNETT ET AL.

<sup>19</sup>. Ver Sassen, 1988 & 1991.

setores de serviços adiantados, seja em termos da demanda provida pelo amplo setor informal, tecnologicamente moderno, mas socialmente arcaico (ver acima).

Também nestes casos, questões sociais novas são colocadas, como desafio para inovação na área de políticas públicas.

### **C. Mudanças Básicas nas Relações Sindicais e nos Sistemas de Negociação Coletiva.**

Nos países capitalistas adiantados, é geral, constante e intensa a pressão empresarial para a "flexibilização" e barateamento da força de trabalho (no sentido de maior facilidade de emprego/desemprego, de um uso polivalente dessa mão de obra, do congelamento ou mesmo rebaixamento salarial, etc). As conseqüências dessa pressão sobre os sistemas sindical e de negociação coletiva dependeram do contexto das relações sindicais (tradição de organização, força sindical, contexto legal e político, etc.) dentro do qual exerce-se aquela pressão. Em todos os casos, o contexto econômico do período, com o seu crescimento baixo e os vários períodos de recessão mais ou menos fortes, atuou no sentido do enfraquecimento sindical.

Nos Estados Unidos a pressão foi facilitada, em última análise, pelo desraizamento (*footlooseness*) das "plantas" das grandes empresas durante a reestruturação produtiva, o que já foi mencionado atrás. E atuou, assim, sobretudo, pela migração das empresas para áreas sem organização sindical ou sem tradição de militância (*greenfields*) ou pela obtenção de concessões sindicais durante a negociação periódica dos contratos coletivos de trabalho (onde muitas vezes, obteve-se, temporariamente, "flexibilizações" do uso da mão de obra, em desobediência das especificações pormenorizadas usuais das funções (*job specifications*) constantes dos contratos.

O período de grandes mudanças no padrão costumeiro das relações sindicais americanas foi a primeira metade dos anos 80. Praticamente inexistentes antes deste período, começaram as "concessões" a constarem dos contratos coletivos, pelos quais os sindicatos concordavam com congelamentos salariais, com a suspensão de cláusulas que antes garantiam "ajustamentos pela elevação do custo de vida", ou aceitaram mesmo cortes salariais.

Estas concessões difundiram-se pelos vários setores industriais, mesmo após o fim da recessão de 1981-83 e o início da recuperação econômica. Em 1986, apenas 15% dos

trabalhadores obtiveram ajustamentos contratuais de custo de vida em seus salários. Associam-se, claramente, à este enfraquecimento sindical, a queda dos salários reais referidas acima, bem como o declínio pronunciado do número de associados dos sindicatos, que já representa uma tendência histórica.

As empresas alemãs estão sujeitas às mesmas pressões, originadas, em última análise, da nova situação competitiva mundial. São distintas, porém, as consequências sobre as relações sindicais, devido às tradições diferentes do movimento trabalhista daquele país e, sobretudo, ao seu contexto político-legal (constituído, principalmente, pela legislação referente à co-determinação, promulgada no imediato pós guerra e na década dos 70).

Nesse país as relações sindicais também estão sendo transformadas. Os sindicatos estão passando à uma situação que poderia talvez ser denominada de "cooperação-conflitiva", na qual, sem perder de vista a situação competitiva da empresa, procuram chegar a uma reestruturação negociada<sup>20</sup>.

#### **D. Deterioração de Antigas Cidades Industriais e Desenvolvimento Industrial em Novas Comunidades, Corredores Industriais, etc. (Novas Formas Econômico-Espaciais).**

O relativo desarraigamento da atividade econômica industrial, criado pela flexibilização produtiva e pelas indústrias *footloose*, está na raiz de profundas transformações na base da vida social local.

Assim, se de um lado, deterioram-se cidades industriais inteiras como Detroit ou os núcleos centrais das zonas metropolitanas dos Estados Unidos (as *inner cities*), por outro, rejuvenescem e modernizam-se antigas cidades da Nova Inglaterra e do Sul do país, bem como constituem novas conurbações em extensas áreas antes quase vazias ou puramente residenciais (como exemplos temos o Vale do Silício ao redor de San José, na Califórnia e

---

<sup>20</sup>. O declínio dos sindicatos tem sido objeto de muitas análises e bastante controvérsia, principalmente nos Estados Unidos. Sobre as "concessões" sindicais nos Estados Unidos, ver HARRISON & BLUESTONE, 1988, pp.39-42. Também sobre os sindicatos nos Estados Unidos, ver ADAMS ET AL., 1985; BENNET, 1991; CORNFIELD, 1989; GARBARINO, 1985; GOLDFIELD, 1987; GRENIER, 1988; KATZ, 1985; KOCHAN, KATZ & MCKERSIE, 1986; LIPSET, 1986; MOODY, 1988; NORTHRUP & BELLANTE, 1991; REHMUS, 1986; ROBINSON, 1988; ROBINSON & MCIIWEE, 1988. Sobre os sindicatos em outros países adiantados, ver BIBES & MOURIAUX, 1990; CHALMERS, 1989; FREYSSINET ET AL., 1993; KELLY, 1990; LIPSET, 1986 e TOURAINÉ, 1988. E sobre o caso da Alemanha (Ocidental): HELM, 1986; KERN & SABEL, 1991; e MARKOVITS, 1986.

os novos distritos industriais na região de Chapel Hill, Durham e Raleigh, na Carolina do Norte).

Outro processo básico que se deve mencionar para os Estados Unidos é representado pela profunda deterioração das extensas áreas das *inner cities*, onde se localizam guetos negros miseráveis. Na base desse processo estão a reestruturação econômica e a conseqüente transformação da base econômica das áreas centrais das regiões metropolitanas americanas. Esse processo significou a saída da indústria e de muitos setores comerciais dessas áreas e a perda dos respectivos empregos comerciais e industriais, ao mesmo tempo que nas mesmas áreas centrais apareciam os empregos de gerência e serviços avançados, característicos da nova economia das metrópoles americanas.

Assim, ao mesmo tempo que diminuía (mesmo em valor absoluto) as oportunidades de emprego que exigem menor formação educacional, surgiam outras com maiores exigências, as quais são preenchidas pelos residentes das zonas suburbanas, que, num movimento pendular, se dirigem diariamente para as áreas centrais (*commuting*). Colocam-se assim novos obstáculos à obtenção de empregos pelos grupos de menor nível educacional, particularmente para as populações negras do gueto, para as quais ao obstáculo da distância, somam-se as deficiências educacionais herdadas do passado e o preconceito e a discriminação do presente.

Às transformações econômicas somam-se processos sociais, representados principalmente pela saída da classe média e burguesia negras do gueto (favorecidas pela "revolução" dos direitos civis ocorrida nos anos 60) e pela verdadeira anomia entre as população do gueto, causada pela perda de modelos sociais com os quais pautar a sua conduta<sup>21</sup>.

Assim, a imbricação de complexos processos econômicos e sociais provoca incrível ruptura do tecido social nessas áreas centrais, somando-se nos guetos toda sorte de problemas sociais (taxas altíssimas de desemprego e de mulheres chefe de família, delinquência juvenil, crime, drogas, etc.), em áreas que assemelham-se a verdadeiras cidades

---

<sup>21</sup>. William Justus Wilson, professor de Chicago, usa os termos *underclass* e o referente ao processo de *social dislocation* que sofre, para a sua caracterização sociais dessas áreas. As principais referências usadas para a caracterização do processo de deterioração dos guetos são KASARDA, 1988; WACQUANT & WILSON, 1989 e HARRINGTON, 1989. Ver também KASARDA, e WILSON, 1987 & 1988. Estudo comparativo com periferias metropolitanas francesas é instrutivo; ver WACQUANT, 1993.



arrasadas<sup>22</sup>. Escusado dizer que tais condições permeiam a definição de todos os problemas sociais metropolitanos, para não dizer urbanos, e por conseguinte, o estudo e a redefinição das mais variadas políticas públicas nos Estados Unidos.

Esse caso serve-nos para frisar, ao mesmo tempo, (1) a importância das reestruturações econômica e produtiva para a correta formulação de políticas sociais dentro do contexto sócioeconômico específico; e (2) como os efeitos das reestruturações dependem da configuração social mais abrangente.

Deste modo, o objetivo que nos move, ao focalizarmos os países adiantados, é o de caracterizar a presença das forças da reestruturação na problemática social e a forma como elas se combinam em diferentes contextos sócioeconômicos, e não de simplisticamente extrapolarmos diagnósticos e soluções.

#### **IV-REESTRUTURAÇÃO ECONÔMICA E PRODUTIVA NA PERIFERIA INDUSTRIALIZADA (EM PARTICULAR BRASIL) E CONJECTURAS SOBRE OS SEUS EFEITOS SOCIAIS, ATUAIS E FUTUROS**

São recentes as evidências de uma aceleração das mudanças na organização produtiva no caso brasileiro, no sentido da flexibilização da produção das grandes empresas (mudanças principalmente organizacionais e não tanto, tecnológicas), acompanhadas por terceirização e subcontratação da produção (constituindo assim setores informais modernos)<sup>23</sup>.

Alguma coisa, tímida, havia ocorrido, nos primeiros anos da década dos anos 80, provavelmente associada ao ajuste externo que se conseguiu no período de 1979-82, com

---

<sup>22</sup>. Tanto como resultado dos *riots* urbanos que assolam os guetos desde os meados dos anos 60, como das demolições dos sítios industriais abandonados.

<sup>23</sup>. A literatura recente sobre as transformações organizacionais e a reestruturação produtiva no Brasil é recente, porém, na maior parte constituída de estudos de caso. A esta informação, para se ter idéia de quanta reorganização produtiva, subcontratação e terceirizações, já ocorreram e sob que formas, deve-se recorrer à continua informação sobre reorganizações de todo tipo de empresas que sai nos jornais e revistas. Ver "O Brasil Subterrâneo", 1989; "Na Hora da Despedida", 1993; COELHO, 1993; GITAHY & RABELO, 1991; GITAHY ET AL., 1991 & 1993; FLEURY & HUMPHREY, 1993; HIRATA (org), 1993 (principalmente os capítulos de LEME FLEURY; RUAS ET AL.; SILVA; e LOBO); SCHMITZ & CARVALHO; SILVA, 1991 & 1992; SILVA, 1993 e VALE, 1990. Ver também discussões de aspectos mais gerais desta problemática em HUMPHREY, 1990; JACOBI, 1989; PEREZ, 1992; SABEL, 1986; SCHMITZ, 185 e STANDING, 1989.

Transformações produtivas nos anos 80, noutros países latino americanos e na América Latina em geral, são tratadas em BENERIA, 1993; BENERIA & ROLDAN; CASTELLS & LASERNA, 1989; FERNANDEZ

grande ampliação das nossas exportações. Entretanto, mudanças mais extensas e mais profundas nas empresas ocorreram somente no fim dos anos 80 e, principalmente, no período de 1990 para cá. As multinacionais dentro do país, muito possivelmente, estiveram na vanguarda do processo, embora as mudanças não tenham se restringido a elas.

De qualquer modo, tais mudanças estiveram associadas aos inícios dos programas de desregulamentação, liberalização do comércio e, menos, aos de privatização que, iniciadas pelo governo Collor, prosseguiram após o seu "impeachment" no governo Itamar. Tais mudanças, principalmente a desregulamentação e a liberalização comercial, passaram a submeter a indústria brasileira à maior concorrência externa. Ou talvez, em muitos casos, mesmo antes dessa ameaça concretizar-se de fato, as empresas passaram a acreditar que isso viria a ocorrer e prepararam-se para a futura competição.

Duas considerações devem ser feitas sobre as mudanças que estão ocorrendo no país e sobre o curso que seguirão no aprofundamento das tendências.

Em primeiro lugar, mesmo que as forças em jogo sejam as mesmas dos países centrais, é de se prever que as mudanças organizacionais e tecnológicas das empresas não sigam exatamente a trilha apontada pela experiência externa. Acreditamos isto, por que assim aconteceu em todos os países adiantados; no seu "ajustamento econômico e produtivo" sempre adaptaram-se a características de seu "ambiente" sindical, político-legal, social, e do mercado de trabalho pré-existente. Esta última menção leva-nos à segunda razão que poderá afetar a reestruturação em curso.

A extensão do desemprego e subemprego pré-existentes no Brasil condicionará provavelmente as mudanças produtivas. A presença de amplo setor informal tradicional leva-nos a pensar, porisso, que a divisão de trabalho (e as interrelações) entre as grandes empresas "enxutas" e as médias e pequenas empresas terá forma diferente de como isso se dá nos países centrais. Como diferente será a linha divisória, dentro da rede de subcontratação, entre a parte formal e a informal.

E mais ainda, é muito possível, embora acima tenhamos procurado frisar a constituição de um setor informal moderno distinto, que parte das redes (nas suas "pontas"), relacionadas com as empresas, seja constituído por trabalhadores, autônomos ou "domésticos", antes parte do setor informal tradicional.

---

KELLY, 1989 & 1993; NACIONES UNIDAS, 1987; NOVIK, 1990; PENA & CARDENAS, 1988; PORTES ET AL., 1986 e TOKMAN, 1989; além dos já citados SHAIKEN, 1990 e SHAIKEN & HERZENBERG, 1987.

Por outro lado, embora possamos pensar que, não obstante o raciocínio precedente, as linhas das mudanças na estrutura produtiva sejam em termos gerais as mesmas que as prevalentes nos países centrais, não seriam as mesmas as suas consequências sociais, dado o contexto social diferente em que aquelas modificações ocorrem.

Este é o desafio para, à luz do que se passa nos países centrais e das mudanças da reestruturação econômica que aqui ocorrem, delinear uma agenda de discussão das novas questões e políticas sociais.

**BIBLIOGRAFIA**

- "O Brasil Subterrâneo", Veja, 12 de Julho 1989, 96-105.
- "Na Hora da Despedida: Surge no Brasil uma Nova Forma de Demissão, em que as Empresas Ajudam seus Ex-Funcionários a Conseguir um Novo Emprego ou a Montar Negócios", Veja, 16 de Junho de 1993, 80-81.
- "The Informal Economy (Symposium)", Annals, 493, September 1993, 10-172.
- ADAMS ET AL., Industrial Relations in a Decade of Economic Change, Madison: Industrial Relations Research Association, 1985.
- M. AGLIETTA, Regulacion et Crise du Capitalisme: L'Éxperience des États-Unis, Paris: Calmann-Lévy, 1976.
- A. AMIN & J. GODDARD (Eds), Technological Change, Industrial Restructuring and Regional Development, London: Hyman, 1986.
- L. BENERIA, "Subcontracting and Employment Dynamics in Mexico City", in PORTES ET AL., op. cit., 173-188.
- L. BENERIA & M. ROLDAN, The Crossroads of Class and Gender: Industrial Homework, Subcontracting, and Household Dynamics in Mexico City, Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- J. T. BENNET, "Private Sector Unions: The Myth of Decline", Journal of Labor Research, XII, 1, Winter, 1991, 1-12.
- L. A. BENTON, "Homeworking and Industrial Development: Gender Roles and Restructuring in the Spanish Shoe Industry", World Development, 17, 2, February 1989, 255-56.
- M. H. BEST, The New Competition: Institutions of Industrial Restructuring, London: 1990.
- G. BIBES & R. MOURIAUX (dir), Les Syndicats Européens à l'Épreuve, Paris: 1990.
- R. BOYER (ORG), La Flexibilité du Travail en Europe: Une Étude Comparative des Transformations du Rapport Salarial dans Sept Pays de 1973 à 1985, Paris: La Découverte, 1986.
- R. BOYER & P. PETIT, "L'Impact sur L'Emploi des Politiques Industrielles Européennes", Revue du Economie Industriel, 27, 1984.
- BERKELEY ROUNDTABLE OF INTERNATIONAL ECONOMY, Production, Technology and American Competiveness: Report of Findings to the Alfred P. Sloan Foundation, Berkeley: BRIE, University of California, 1993.

- D. BROAD, "Peripheralization of the Center: W(h)ither Canada?", Alternate Routes, 1988, 8, 1-41.
- G. BURTLESS, Trends in the Distribution of Earnings and Family Income. Effects of the Current Recession, Testimony for the Senate Budget Committee, 1991.
- V. CAPECCHI, "The Informal Economy and the Development of Flexible Specialization in Emilia-Romagna", in PORTES ET AL., The Informal Economy, *op. cit.*, 1989.
- M. CASTELLS, The Informational City: Information, Technology, Economic Restructuring, and the Urban-Regional Development, London: Routledge, 1989.
- M. CASTELLS & R. LASERNA, "The New Dependency: Technological Change and Socioeconomic Restructuring in Latin America", Sociological Forum, 1989, 4 (4), 535-560.
- M. CASTELLS & A. PORTES, "World Underneath: The Origins, Dynamics, and Effects of the Informal Economy", in PORTES ET AL., 11-37.
- M. J. CHALMERS, Industrial Relations in Japan, London: Routledge, 1989.
- G. L. CLARK, Unions and Communities under Siege: American Communities and the Crisis of Organized Labor, Cambridge, 1989.
- E. COELHO, "Phillips Encerra Etapa de Reestruturação: Depois de um Ambicioso Plano, Iniciado em 1988, Empresa Ganha Competividade e Reduz Gastos Anuais em US\$ 200 Milhões", O Estado de São Paulo, 8 de março de 1993, 3.
- S. COHEN & J. ZYSMAN, Manufacturing Matters: The Myth of the Post-Industrial Economy, New York: Basic Books.
- G. COLDCLOUGH & C. M. TOLBERT, Work in the Fast Lane: Flexibility, Divisions of Labor, and Inequality in Hi-Tech Industries, New York: University of New York Press, 1992.
- K. COOL ET AL.(eds), European Industrial Restructuring in the 1990s, New York: New York University Press, 1992.
- B. CORIAT, L'Atelier et le Robot: Essai sur le Fordisme et la Production de Masse a l'Age de l'Etretronique, Paris: Christian Bourgois, 1990.
- B. CORIAT, "Penser a l'Envers": Travail et Organisations dans l'Entreprise Japonaise, Paris: Christian Bourgois, 1991.
- D. B. CORNFIELD, "Union Decline and the Political Demands of Labor", Work and Occupations, 16, 3, August 1989, 292-322.
- M. DAMILL ET AL., Macroeconomia de América Latina en los Ochenta, Santiago, Chile: 3-5 Agosto 1992.
- J. DARBY, "A New Environment for Public Policy: Japanese Manufacturing in Europe", West European Politics, 9, 2, April 1986, 215-234.

- M. DOGAN & J. D. KASARDA (eds), The Metropolis Era, 2 Vols., New York: Sage Foundation, 1988.
- C. DU TERTRE, Technologie, Flexibilité, Emploi: Une Approche Sectorielle du Post-Taylorisme, Paris: L'Harmattan, 1989.
- D. ERNST, Network Transactions, Market Structure and Technology Diffusion - Implications for South-South Cooperation, Paris: OECD, January 1993.
- D. ERNST & D. O'CONNOR, Technology and Global Competition: The Challenge for Newly Industrialising Countries, Paris: OECD, 1993.
- J. ESSER & J. HIRST, "The Crisis of Fordism and the Dimensions of a 'Postfordist' Regional and Urban Structure", International Journal of Urban and Regional Research, 13, 3, September 1989, 417-437.
- J. M. FANELLI ET AL., Growth and Structural Reform in Latin America: Where We Stand, São Paulo: 1990.
- M. P. FERNANDEZ KELLY, Labor Force Recomposition and Industrial Restructuring in Electronics: Implications for Free Trade, May 1993 (Draft).
- M. P. FERNANDEZ KELLY, "Broadening the Scope: Gender and International Economic Development", Sociological Forum, 4, 4, 1989, 611-635.
- M. P. FERNANDEZ KELLY, "Economic Restructuring in the United States: Hispanic Women in the Garment and Electronic Industries", Women and Work, 3, 1988, 49-65.
- D. FISCHER ET AL., "The Great Trade War of 1994", Los Angeles Times, May 18, 1993.
- A. FLEURY & J. HUMPHREY, Human Resources and the Diffusion and Adaptation of New Quality Methods in Brazilian Manufacturing, Brighton: IDS, March 1993.
- R. FRENKEL, The Different Roles Played by Privatization in Argentina, San Diego: CILAS, May 13-15, 1993.
- J. FREYSSINET ET AL., "Syndicalismes en Europe", Mouvement Social, 162, Janvier-Mars 1993.
- K. FUGITA, "A World City and Flexible Specialization: Restructuring of the Tokyo Metropolis", International Journal of Urban and Regional Research, 15, 2, June 1991, 269-284.
- J. W. GARBARINO, "A Symposium: Industrial Relations in a Time of Change", Industrial Relations, 24, 3, Fall 1985, 289-294.
- C. GILL, Work Unemployment and the New Technology, Oxford: Polity Press, 1985.
- L. GITAHY & F. RABELO, Educação e Desenvolvimento: O Caso da Indústria de Autopeças, Campinas: DPCT, 1991.

- L. GITAHY ET AL., Inovação Tecnológica, Relações Industriais e Subcontratação, Campinas: DPCT, 1991.
- L. GITAHY ET AL., Interfirm Relations, Collective Efficiency and Employment in Two Brazilian Clusters, 1993 (Draft).
- A. GLASMEIER & N. SUGIURA, "Japan's Manufacturing System: Small Business, Subcontracting and Regional Complex Formation", International Journal of Urban and Regional Research, 15, 3, September 1991, 395-414.
- H. GLIMEL, Going Flexible: The Penetration of the New Management Practices and the Growth of a New Workplace Politics in Sweden, Paper Prepared for the Conference "A Flexible Future ?", Cardiff Business School, 19-20 September 1989.
- M. GOLDFIELD, The Decline of Organized Labor in the United States, Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- R. GOLDMAN & P. LUEBKE, "Corporate Capital Moves South: Competing Class Interests and Labor Relations in North Carolina's 'New' Political Economy", Journal of Political & Military Sociology, 13, 1, Spring 1985, 17-32.
- J. GRAHL & P. TEAGUE, "Labour Market Flexibility in West Germany, Britain and France", West European Politics, 12, 2, April 1989, 91-111.
- G. J. GRENIER, Inhuman Relations: Quality Circles and Anti-Unionism in American Industry, Philadelphia: Temple University Press, 1988.
- C. HADJIMICHALIS & D. VAIYOU, "Whose Flexibility? The Relations of Informalization in Southern Europe", Capital & Class, 4, 2, Winter 1990, 79-106.
- S. HAGGARD & R. KAUFMANN, Democratic Transitions and Economic Reform, Paper Presented at the Conference "Institutional Design and Democratization in a Context of Economic Crisis", San Diego: CILAS, May 1993.
- C. HAMNETT ET AL., Restructuring Britain: The Changing Social Structure, New York: Sage.
- M. HARRINGTON, The New American Poverty, New York: Holt, Rinehart & Winston, 1989.
- B. HARRISON & B. BLUESTONE, The Great U-Turn: Corporate Restructuring and the Polarizing of America, New York: Basic Books, 1988.
- J. A. HART, Rival Capitalists: International Competiveness in the United States, Japan and Western Europe, Ithaca: Cornell University Press, 1992.
- D. HARVEY, The Condition of Postmodernity: An Enquiry into the Origins of Cultural Change, London: B. Blackwell, 1989.
- J. A. HELM, "Codetermination in West Germany: What Difference Has it Made??", West European Politics, 9, 1, January 1986, 32-53.

- L. A. HERZOG, "Cross-National Urban Structure in the Era of Global Cities: The US-Mexico Transfrontier Metropolis", Urban Studies, 28, 4, August 1991, 519-533.
- H. HIRATA (org.), Sobre o "Modelo" Japones: Automatização, Novas Formas de Organização e de Relações de Trabalho, São Paulo: EDUSP, 1993.
- K. HOFFMAN & R. KAPLINSKY, Driving Force: The Global Restructuring of Technology, Labour, and Investment in the Automobile and Components Industries, Boulder: Westview Press, 1988
- K. HOPPER ET AL., "Economies of Makeshift: Deindustrialization and Homelessness in New York City", Urban Anthropology, 14, 1-3, Spring-Fall 1985, 183-236.
- C. HOWELL, "The Dilemmas of Post-Fordism: Socialists, Flexibility and Labor Market Deregulation in France", Politics & Society, 20, March 1992, 71-99.
- C. HUKILL, "Homework", Monthly Labor Review, 113, May 1990, 52-4.
- J. HUMPHREY, Capitalist Control and Workers' Struggle in the Brazilian Auto Industry, Princeton University Press, 1982.
- J. HUMPHREY, The 'Japanese Model' of Industrial Organization: Can it Be Implanted in Developing Countries?, Paper Presented to the Symposium on New Technologies and Societal Trends, Brighton: IDS, July 1990.
- J. HUMPHREY, Are the Unemployed Part of the Urban Poverty Problem?, Brighton: IDS, March 1993.
- P. JACOBI, "International Conference on 'Urban Restructuring: Trends and Challenges', Rio de Janeiro, September 1988", International Journal of Urban and Regional Research, 13, 3, September 1989, 511-513.
- C. JOHNSON, L. D. TYSON & J. ZYSMAN, Politics and Productivity: The Real Story of Why Japan Works, Berkeley: Ballinger, 1989.
- R. KAPLINSKY, "Restructuring the Capitalist Labour Process: Some Lessons from the Car Industry", Cambridge Journal of Economics, 12 (4), 451-470.
- J. D. KASARDA, "Jobs, Migration and Emerging Urban Mismatches", in M. G. H. McGeary & L. E. Lynn Jr., Urban Change and Poverty, Washington: National Academy Press, 1988.
- J. D. KASARDA, "City Jobs and Residents on a Collision Course: The Urban Underclass Dilemma", Economic Development Quarterly, 4 (4), 313-319.
- H. C. KATZ, Shifting Gears: Changing Labor Relations in the US Automobile Industry, Cambridge: MIT, 1985.
- K. KELLY, "British Trade Unionism 1979-1989: Change, Continuity and Contradictions", Work, Employment and Society, May 1990, 29-65.



- H. KERN & C. SABEL, "Trade Unions and Decentralized Production: A Sketch of Strategic Problems in the West German Labor Movement", Politics & Society, 19 (4), 373-402, dez.1991.
- H. KERN & M. SCHUMANN, La Fin de la Division du Travail? La Rationalisation dans la Production Industrielle, L'État Actuel, Les Tendances, Paris: 1989.
- T. KOCHAN, H. KATZ & R. MCKERSIE, The Transformation of American Industrial Relations, New York: Basic Books, 1986.
- S. M. LIPSET, Unions in Transition, San Francisco: 1986.
- A. MARKOVITS, The Politics of the West German Trade Unions, Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- W. R. MEAD, The Low-Wage Challenge to Global Growth, Washington, DC: Economic Policy Institute, 1990.
- W. R. MEAD, "Why the Roller Coaster only Goes One Way: Down", The Los Angeles Time, April 14, 1991.
- K. MOODY, An Injury to All: The Decline of American Unionism, London: Verso, 1988.
- R. MORALES & F. BONILLA, Latinos in a Changing US Economy: Comparative Perspectives on a Growing Inequality, Newbury Park: Sage Publications, 1993.
- J. MORRIS (ed), Japan and the Global Economy: Issues and Trends in the 1990s, London: Routledge, 1991.
- A. MUNGARAY, Crisis, Automatización y Maquiladoras, Universidad Autonoma de Baja California, 1990.
- F. MURRAY, "The Decentralization of Production: The Decline of the Mass Collective Worker", Capital & Class, 1983, 19.
- F. MURRAY, "Flexible Specialization in the 'Third Italy'", Capital & Class, 33, 1987.
- NACIONES UNIDAS, "Reflexiones de la División Conjunta CEPAL/ONUDI de Industria y Tecnología: La Reestructuración Industrial en los Países Avanzados y en América Latina", Industrialización y Desarrollo Tecnológico, Informe 4, Santiago: Julio de 1987, 75-82.
- J. NASH, "Deindustrialization and the Impact on Labor Control Systems in Competitive and Monopoly Capitalist Enterprises", Urban Anthropology, 14, 1-3, Spring-Fall 1985, 151-182.
- C. NICOLE-DRANCOURT, "Organization du Travail des Femmes et Flexibilité de l'Emploi", Sociologie du Travail, 32, 2, 1990, 173-193.
- H. R. NORTHRUP & D. BELLANTE, "'New' Union Approaches to Membership Decline: Reviving the Policies of the 1920s?", Journal Labor Research, 12, 4, Fall 1991, 333-47.

- M. NOVIK, Argentina: La Profundización del Cambio Tecnológico y una Nueva Lógica de Acción Sindical, Trabalho apresentado na Mesa Redonda: Trabalho e Sociedade: Tecnologia, Mercado e Participação, XIV Encontro Anual da ANPOCS, Caxambú, 22-26 de Outubro de 1990.
- A. OBERHAUSER, "Labour, Production and the State: Decentralization of the French Automobile Industry", Regional Studies, 21, 5, October 1987, 445-458.
- M. OSAWA, "Transformação Estrutural e Relações Industriais no Mercado de Trabalho Japonês", in H. HIRATA (org), Op. Cit., 1989.
- R. PEET, International Capitalism and Industrial Restructuring: A Critical Analysis, Boston: Allen & Unwin, 1987.
- D. PENA & G. CARDENAS, "The Division of Labor in Microelectronics: A Comparative Analysis of France, Mexico, and the United States", Studies in Comparative International Development, 23, 2, Summer 1988, 89-112.
- A. POLLERT, "Dismantling Flexibility", Capital & Class, 34, 1988, 42-75.
- C. PEREZ, "Cambio Técnico, Reestructuración Competitiva y Reforma Institucional en los países en Desarrollo", El Trimestre Económico, 1992, LIX, 233, 23-64.
- C. V. PEREZ LLANAS, "La Industria Maquiladora de Exportación en la Frontera Norte de Tamaulipas", Investigación Económica, L, 196, 1991, 303-337.
- M.J. PIORE & C.F. SABEL, The Second Industrial Divide: Possibilities for Prosperity, Basic Books, 1984
- A. PORTES ET AL., "The Urban Informal Sector in Uruguay: Its Internal Structure, Characteristics, and Effects", World Development, 1986, 14 (6), 727-741.
- A. PORTES ET AL., The Informal Economy: Studies in Advanced and Less Developed Countries, Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1989
- A. PORTES & S. SASSEN-KOOB, "Making it Underground: Comparative Materials on the Informal Sector in Western Market Economies", American Journal of Sociology, 93, 30-61.
- C. M. REHMUS, "The Future of Industrial Relations in the United States", Labour and Society, 11, 2, May 1986, 149-158.
- M. O. REYNOLDS, "The Intellectual Muddle over the Labor Unions", Journal of Social and Political Studies, 4, 3, Fall 1979, 269-281.
- B. ROBERTS, The Dynamics of Informal Employment in Mexico, Discussion Paper 3, Washington, D.C.: US Department of Labor, September 1992.

- J. G. ROBINSON, "American Unions in Decline: Problems and Prospects", Critical Sociology, 15, 1, 1988, 33-56.
- J. G. ROBINSON & J.S. McILWEE, "Obstacles to Unionization in High-Tech Industries", Work and Occupations, 16, 2, May 1989, 115-136.
- S. ROCHA, "Poor and Non-Poor in the Brazilian Labor Market", IPEA, Oct 1992, 13 pp.
- S. ROCHA & H. C. TOLOSA, "Núcleo-Periferia Metropolitana: Diferenciais de Renda e Pobreza", V Forum Nacional, São Paulo: 3-6 Maio de 1993.
- C. SABEL, "Changing Models of Economic Efficiency and their Implications for Industrialization in the Third World", in A. FOXLEY ET AL.(ed), Development, Democracy and the Art of Trespassing, Notre Dame, 1986.
- S. SASSEN, The Global City: New York, London, Tokio, Princeton: Princeton University Press, 1991.
- S. SASSEN, The Mobility of Labor and Capital: A Study in International Investment and Labor Flows, Cambridge: Cambridge University Press, 1988.
- A. SAYER, "Postfordism in Question", International Journal of Urban and Regional Research, 13, 4, December 1989, 666-695.
- H. SCHMITZ, Technology and Employment Practices in Developing Countries, London: Croom Helm, 1985.
- H. SCHMITZ & R. Q. CARVALHO (eds), Automação, Competividade e Trabalho: A Experiência Internacional, São Paulo: Hucitec, 1988.
- H. SCHMITZ & R. Q. CARVALHO, "Fordism is very Alive in Brazil", IDS Bulletin, 20 (4), 15 p.
- H. SCHMITZ & J. CASSIOLATO, Hi-tech for Industrial Development: Lessons from the Brazilian Experience in Electronics and Automation, London: Routledge, 1992
- H. SHAIKEN, Mexico in the Global Economy: High Technology and Work Organization in Export Industries, San Diego: University of California, 1990.
- H. SHAIKEN, "Will Manufacturing Head South?", Technology Review, 96, 3, April 1993, 28-29.
- H. SHAIKEN & S. HERZENBERG, Automation and Global Production: Automobile Engine Production in Mexico, The United States and Canada, San Diego: University of California, 1987.
- R. J. SHEAK & D. D. DABELKO, "The Employment Picture is Not So Rosy", Free Inquiry in Creative Sociology, 18, 2, November 1990, 115-120.
- E. B. SILVA, "Automation and Work Organisation: Contrasts between Brazilian and British Car Industries", in SCHMITZ & CASSIOLATO, op. cit., pp 159-176.

- E. B. SILVA, Refazendo a Fábrica Fordista: Contrastes da Indústria Automobilística no Brasil e na Grã-Bretanha, São Paulo: Hucitec, 1991.
- S. SILVA, "Indústria: Micros Ganham com Terceirização; Grandes Empresas têm Recorrido Cada Vez Mais aos Serviços das Fábricas Pequenas", O Estado de São Paulo, 14 de março de 1993, 6.
- L. SKLAIR, Assembling for Development: The Maquila Industry in Mexico and the United States, Boston: Unwin Hyman, 1989.
- C. SMITH, "Flexible Specialization, Automation and Mass Production", Work, Employment and Society, 3, 2, June 1989, 203-220.
- S. SMITH, "European Perspectives on the Shadow Economy", European Economic Review, March 1989, 589-96.
- L. SOLA (org), Estado, Mercado e Democracia: Política e Economia Comparadas, São Paulo: Paz e Terra, 1993.
- G. STANDING, "Global Feminization through Flexible Labor", World Development, 17, 7, July 1989, 1077-95.
- M. STORPER, "Industrialization and the Regional Question in the Third World: Lessons of Postimperialism; Prospects of Post-Fordism", International Journal of Urban and Regional Research, 1990, 14 (3), 423-444.
- G. SZEKELY, Manufacturing Across Borders and Oceans, San Diego: University of California, 1991.
- M. C. TAVARES, "Ajuste e Reestruturação nos Países Centrais", Economia e Sociedade, 1, Agosto 1992, 21-58.
- L. THUROW, Head to Head: The Coming Economic Battle Among Japan, Europe and America, New York: William Morrow, 1992.
- V. TOKMAN, "Policies for a Heterogeneous Informal Sector in Latin America", World Development, 1989, 17, 1067-76.
- S. TOLLIDAY & J. ZEITLIN, The Automobile Industry and Its Workers: Between Fordism and Flexibility, New York: St Martin's Press, 1987.
- A. TOURAINE, "L'Evolution du Syndicalisme en Amérique Latine", Revue Française de Sociologie, 1988, XXIX, 117-142.
- A. VALE SOUZA ET AL., "Employment Implications of Informal Sector Policies: A Case Study of Greater Recife", International Labour Review, 127, 2, 1988, 245-58.
- R. VALE, Automação Comparada: A Indústria Automobilística na França, na Alemanha e no Brasil, XIV Encontro Anual da ANPOCS, Outubro 1990.

- L. J. D. WACQUANT & W. J. WILSON, "The Cost of Racial and Class Exclusion in the Inner City", The Annals of the American Academy of Political and Social Science, 1989, 501, 8-25.
- L. J. D. WACQUANT, "Urban Outcasts: Stigma and Division in the Black American Ghetto and the Franch Urban Periphery", International Journal of Urban and Regional Research, 17, 3, September 1993, 363-383.
- S. WATANABE (ed), Microelectronics, Automation and Employment in the Automobile Industry, New York: John Wiley, 1987.
- J. WILLIAMSON (ed), Latin American Adjustment: How Much Has Happened?, Washington DC: 1990.
- W. J. WILSON, The Truly Disadvantaged: The Inner City, the Underclass, and Public Policy, Chicago: Chicago University Press, 1987.
- W. J. WILSON, "American Social Policy and the Ghetto Underclass", Dissent, 1988, 35 (1), 57-64.
- J. P. WOMACK, D. T. JAMES & D. ROOS, The Machine that Changed the World: The Triumph of Lean Production, New York: Rawson Associates, 1990.
- S. WOOD (ed), The Transformation of Work? Skill, Flexibility and the Labour Process, London: Unwin Hyman, 1989.

**NÚMEROS ANTERIORES DOS CADERNOS DE PESQUISA DO NEPP**

HENRIQUE, W. e DRAIBE, S.M. Caderno de Pesquisa nº 1, Políticas Públicas e Gestão da Crise: Um Balanço da Literatura Internacional - 1987

CANESQUI, A.M. e QUEIROZ, M.S. Caderno de Pesquisa nº 2, Campinas: População, Situação de Saúde e Organização do Cuidado Médico - 1987

CASTRO, M.H.G. Caderno de Pesquisa nº 3, Governo Local, Processo e Equipamentos Sociais: Um Balanço Bibliográfico - 1988

SALM, C.L. DEDECA, C.S., TUMA, F.M. e COUTINHO, M. Caderno de Pesquisa nº 4, Financiamento das Políticas Sociais - 1988

VIANA, A.L. Caderno de Pesquisa nº 5, Abordagens Metodológicas em Políticas Públicas - 1988

MERHY, E.L., CAMPOS, G.W.S. e QUEIROZ, M.S. Caderno de Pesquisa nº 6, Processo de Trabalho e Tecnologia na Rede Básica de Serviços de Saúde; Alguns Aspectos Teóricos e Históricos - 1989

QUEIROZ, M.S. e CANESQUI, A.M. Caderno de Pesquisa nº 7, Famílias Trabalhadoras e Representações Sobre Saúde, Doença e Aspectos Institucionais da Medicina "OFICIAL" e "POPULAR" - 1989

DRAIBE, S.M. Caderno de Pesquisa nº 8, Welfare State no Brasil: Características e Perspectivas - 1988

FIGUEIREDO, A.M.C. Caderno de Pesquisa nº 9, Justiça e Igualdade - 1989

DRAIBE, S.M. Caderno de Pesquisa nº 10, Há Tendências e Tendências: Com que Estado de Bem-Estar Social Haveremos de Conviver neste Fim de Século? - 1989

FARIA, V.E. e CASTRO, M.H.G. Caderno de Pesquisa nº 11, Política Social e Consolidação Democrática no Brasil - 1989

CASTRO, M.H.G. Caderno de Pesquisa nº 12, Avaliação de Políticas e Programas Sociais: Notas de Pesquisa - 1989

LEAL, S.M.R. Caderno de Pesquisa nº 13, A Outra Face da Crise do Estado do Bem-Estar Social; Neo-Liberalismo e os Novos Movimentos da Sociedade de Trabalho - 1990

CASTRO, M.H.G. Caderno de Pesquisa nº 14, Interesses, Organizações e Políticas Sociais - 1990

CASTRO, M.H.G. Caderno de Pesquisa nº 15, A Política de Atenção ao Menor no Estado de São Paulo: Tendências e Perspectivas

PEREZ, J.R.R. Caderno de Pesquisa nº 16, São Paulo: A Educação nos Anos 80, Diagnóstico Preliminar (série São Paulo) - 1990

NORONHA, E.G. e SILVA, M.F.C.B., Caderno de Pesquisa nº 17, A População Infanto-Juvenil Carente do Estado de São Paulo (série São Paulo) - 1990

ARRETCHE, M.T.S. e CARVALHO, S.N., Caderno de Pesquisa nº 18, São Paulo: A Política Habitacional nos Anos 80 (série São Paulo) - 1990

QUEIROZ, M.S. e CHIARINI, A.M., Caderno de Pesquisa nº 19, "Farmacêuticos, Médicos e Pessoal de Enfermagem: Um Enfoque Antropológico Sobre o Campo de Prestação de Serviços em Paulínia, São Paulo" - 1990

VIANA, A. L., Caderno de Pesquisa nº 20, "Tendências e Perspectivas da Política de Saúde em São Paulo" - 1990

QUEIROZ, M.S. e CHIARINI, A.M., Caderno de Pesquisa nº 21, "Pensar e Agir Sobre Saúde, Doença e Cura em Paulínia" - 1991

QUEIROZ, M.S., SOUZA CAMPOS, G.W. de e MERHY, E.E., Caderno de Pesquisa nº 22, "A Rede Básica de Serviços de Saúde em Campinas: Os Médicos e Suas Representações Sobre o Serviço" - 1991

MELHEM, C.S. e MINGARDI, G., Caderno de Pesquisa nº 23, "Justiça Para Crianças e Adolescentes no Estado de São Paulo" - 1991

MELHEM, C.S. e MINGARDI, G., Caderno de Pesquisa nº 24, "Criminalidade em Campinas" - 1992

LOPES, J.R.B., Caderno de Pesquisa nº 25, "Brasil 1989: Um Estudo Sócio-Econômico da Indigência e da Pobreza Urbanas" - 1993

QUEIROZ, M.S., Caderno de Pesquisa nº 26, "A Organização dos Serviços de Saúde: Uma Avaliação da Experiência de Campinas" - 1993



**UNICAMP**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

**nepp**

NÚCLEO DE ESTUDOS DE POLÍTICAS PÚBLICAS

Cidade Universitária "Zeferino Vaz"

Av. Albert Einstein, 1300

Campinas - SP - Brasil

13081-970

TEL: (019) 289-3143 788-8156 289-3901 788-7663

FAX: (019) 289-4519

E-mail: [nucleo@nepp.unicamp.br](mailto:nucleo@nepp.unicamp.br)